

BIOPOLÍTICA-VÍRUS E EDUCAÇÃO-GOVERNAMENTALIDADE E ESCAPAR E...

Sílvio Gallo*
Renata Lima Aspis**
e (...)

Recebido em: 20 ago. 2011

Aprovado em: 29 ago. 2011

* Licenciado em Filosofia; Mestre e Doutor em Educação; Livre Docente em Filosofia da Educação. Professor Associado da Faculdade de Educação da Unicamp, Campinas, SP, Brasil. E-mail: silvio.gallo@gmail.com

** Licenciada em Filosofia; Mestre em Educação. Doutoranda em Educação na Faculdade de Educação da Unicamp, Campinas, SP, Brasil. E-mail: renaspis@terra.com.br

Resumo: O presente artigo parte da provocação de um livro de ficção científica, *Nevasca*, de Neal Stephenson, uma vez que Deleuze afirmou que um livro - um texto - de filosofia é sempre uma espécie de ficção científica, para problematizar o tema da biopolítica em sua relação com a escola. Dialogando com Foucault, com Deleuze e com Lazzarato, os autores exploram diferentes aspectos da questão da biopolítica, especialmente no tocante à governamentalidade e ao controle, para compreender os meandros biopolíticos de uma escola contemporânea, que opera mais em termos de controle que de disciplina, ainda que não prescindida desta. Os esforços teóricos do artigo são mobilizados, em sua parte final, para pensar as possibilidades de resistência, de uma re-existência em relação ao controle, na busca de possibilidades de linhas de fuga e de criação. Uma resistência da multiplicidade em relação ao unitarismo do controle.

Palavras-chave: Biopolítica. Educação. Governamentalidade. Resistência.

BIOPOLITICS-VIRUS AND EDUCATION-GOVERNAMENTALITY AND ESCAPE AND...

Abstract: This article starts with the provocation of a science fiction book, *Snow Crash*, by Neal Stephenson, as Deleuze said that a book - a text - of philosophy is always a kind of science fiction, to put in question the subject of biopolitics in relation with the school. In a dialogue with Foucault, Deleuze and with Lazzarato, the authors explore different aspects of biopolitics, particularly regarding the control and the governmentality to understand the biopolitical

intricacies of contemporary school, which operates more in terms of control than discipline. The theoretical efforts of the article are mobilized in its final part, to think the possibilities of resistance, a re-existence in relation to control, in search of possible lines of flight (escape routes) and creation. A multiplicity's resistance against the Unitarianism of control.

Key words: Biopolitics. Education. Governmentality. Resistance.

Chuviscos na tela. Chiado. Pane. *Snow crash*. Ausência. Tchchchchch. *Snow Crash*, romance de Neal Stephenson, no Brasil traduzido como *Nevasca*, ficção científica que conta a história de um hacker que é tornado herói quando tenta salvar o mundo do poder absoluto de uns poucos que dominam quase todos por meio de um vírus-droga-religião.

“Um livro de filosofia deve ser, por um lado, um tipo muito particular de romance policial e, por outro, uma espécie de ficção científica” (DELEUZE, 2006, p. 17). Romance policial como investigação, busca daquilo que está escondido; estamos mais para a ficção científica: explorar aquilo que ainda não é, deter-se no âmbito dos virtuais, dos campos de possibilidades. Ficção científica no sentido do “esplendor do SE” e também porque nesse tipo de literatura “os pontos fracos se revelam”. Um livro de filosofia ou este pequeno artigo, tanto faz, “como escrever senão sobre aquilo que não se sabe ou que se sabe mal?” (p. 18).

O que não sabemos ou sabemos mal: biopolítica e educação. Arriscamos: biopolítica como vírus e educação como governamentalidade. Desejamos: escapar. Positivar o vírus, fazer do *snow crash* linha de fuga do vírus que domina e da educação que governa.

BIOPOLÍTICA COMO VÍRUS

Seguindo a imaginação de Stephenson: a transmissão do vírus pode se dar tanto por códigos, verbalmente, quanto fisicamente, pela troca de fluidos corporais. Vírus que entra pelo ouvido, por meio de determinadas palavras e se aloja diretamente no cérebro, funcionando como um receptor de ordens e que pode entrar também pelas veias ou mucosas e causar o mesmo efeito. Almas e corpos, enunciação e maquinação.

O conceito deleuziano de acontecimento, criado a partir da sua herança de Leibniz, se expressa nos agenciamentos coletivos de enunciação (o vírus que entra pelos ouvidos, enunciado como linguagem, o vírus-palavra), criando os possíveis. No entanto, não se limitam à enunciação, mas têm ainda de ser atualizados nos corpos, por meio dos agenciamentos maquínicos (o vírus que penetra pelo sangue

e pelas mucosas - o vírus-corpo). Os possíveis, para Deleuze, têm de ser criados. Eles não existem para além daquilo que os expressa, o verbo, os códigos, os signos, ou seja, não são transcendentais e dados a priori, como na tradição platônica; não se trata da realização de algo que já estava dado: eles têm de ser criados e depois atualizados, efetuados.

Agenciamentos de enunciação e agenciamentos maquínicos, almas e corpos, pensamento e conduta, governamentalidade e disciplina, controle e biopolítica. Ideia viral e vírus biológico.

Para Deleuze, ainda seguindo sua herança de Leibniz, o mundo é virtual (conceito chave da “ontologia” deleuziana, que nada tem a ver com o jargão informacional usado atualmente), isto é, uma multiplicidade de acontecimentos, de conexões: rizoma desdobrado à enésima potência intensiva, um proliferado de enunciações e máquinas, complexo descentrado de possíveis atualizados conectados, criações. Observamos: o controle é muito eficaz quando penetra essas duas dimensões: do falar, do enunciar e anunciar, da informação, da expressão, da tão atual comunicação, blá-blá-blá, televisão, e por outro lado da ação dos corpos e nos corpos, das condutas, do mover-se embarcado em fluxos preestabelecidos, rebanhos pastoreados, auto-estrada, GPS, fila para campanha de vacinação, acotovelado atrás do trio elétrico, as ondas.

“Informar é fazer circular uma palavra de ordem. As declarações de polícia são chamadas comunicados, a justo título”, afirmou Deleuze (2003, p. 298). Se há controle, é porque há informação. A informação é o controle. Informamos para controlar; informados, somos controlados. Daí a importância dos meios de comunicação, numa sociedade em que os “formadores de opinião” viram semi-deuses. Dado seu poder de fazer circular o vírus, pela palavra de ordem.

Deleuze não conheceu o GPS, popularizado nos carros e nos telefones móveis, como forma de localizar-se a cada momento, mas também de ser localizado a todo momento, mas anteviu, ainda na virtualidade, sua materialização. Em uma palestra em 1987, afirmou:

As sociedades de controle não adotarão mais os meios de enclausuramento. Nem mesmo a escola. Vale a pena investigar os temas que nascem, que se desenvolverão em quarenta ou cinquenta anos e que nos explicam que o espantoso seria conjugar escola e profissão. Seria interessante saber qual será a identidade da escola e da profissão ao longo da formação permanente, que é o nosso futuro e que não implicará necessariamente o reagrupamento de alunos num local de clausura. Um controle não é uma disciplina. Com uma estrada não se enclausuram pessoas, mas, ao fazer estradas, multiplicam-se os meios de controle. Não digo que esse seja o único objetivo das estradas, mas

as pessoas podem trafegar até o infinito e “livremente”, sem a mínima clausura, e serem perfeitamente controladas. Esse é o nosso futuro. Suponhamos que a informação seja isso, o sistema controlado das palavras de ordem que têm curso numa dada sociedade (DELEUZE, 2003, p. 301-302).

As sociedades de controle, funcionando no modo da biopolítica, já não precisam enclausurar para controlar. Cada indivíduo se torna um número, um código numérico, um código de barras, que carrega um conjunto de informações que podem ser lidas, decodificadas, identificadas, localizadas, controladas. Controle de fluxo. Para que impedir o “livre” fluxo pelo enclausuramento, se o próprio fluxo “livre” pode ser identificado, medido, controlado? Informação, cada vez mais informação. Disseminação de ideias virais, ativação de fluxos corporais. Controle, cada vez mais controle.

Uma ideia viral pode ser disseminada a – como aconteceu com o nazismo, calças boca de sino e camisetas do Bart Simpson –, mas Asherah, por ter um aspecto biológico, pode permanecer latente no corpo humano. Depois de Babel, Asherah ainda era residente no cérebro humano, sendo transmitida de mãe para filho e de amante para amante. Todos somos suscetíveis ao impulso das ideias virais. Como histeria em massa. Ou uma melodia que fica na sua cabeça e você fica cantarolando o dia inteiro até espalhá-la para mais alguém. Piadas. Lendas urbanas. Religiões malucas. Marxismo. Não importa o quanto inteligente fiquemos, há sempre uma parte irracional profunda que nos torna hospedeiros em potencial de informações auto-replicas (STEPHENSON, 2008, p. 368).

Asherah, no romance, é uma deusa, de uma religião pós-racional, cultuada por milhões de pessoas infectadas por um vírus que é transmitido, como já dissemos, tanto por contágio físico quanto por fluxos verbais de dados que entram nas estruturas profundas dos cérebros e fazem com que os infectados ajam de forma obediente às palavras de ordem.

Poder sobre a vida: além das disciplinas coreografias docilizantes corpo-máquina, a biopolítica corpo-espécie, docilidade até as células: tornarmo-nos “hospedeiros em potencial de informações auto-replicas”.

Foucaultianamente: a partir do século XVII, todo um feixe de relações se desenvolvem entre dois pólos de poder sobre a vida, um deles, que surge primeiro, assalta as forças do corpo tomando-o como máquina, o adestra, amplia determinadas aptidões úteis à produção, dociliza, por meio de “procedimentos de poder que caracterizam as disciplinas: anátomo-política do corpo humano” (FOUCAULT, 1980, p. 131). O segundo, que aparece já nos meados do século

seguinte, se caracteriza por controlar e intervir nos processos biológicos, nascimentos e mortes, doenças e saúde, etc., centra-se no corpo-espécie, transpassa o corpo da população regulando-o, “uma série de intervenções e controles reguladores: uma bio-política da população”. Tecnologia dupla face, anatômica e biológica, do indivíduo e da população, do corpo e dos processos da vida, é característica de um poder cuja função já não é mais o poder de “causar a morte ou deixar viver”, mas de investir sobre a vida, “causar a vida ou devolver à morte” (FOUCAULT, 1980, p. 130).

Pela primeira vez na história, sem dúvida, o biológico reflete-se no político; o fato de viver não é mais esse sustentáculo inacessível que só emerge de tempos em tempos, no acaso da morte e de sua fatalidade: cai, em parte, no campo de controle do saber e de intervenção do poder (...) deveríamos falar de ‘bio-política’ para designar o que faz com que a vida e seus mecanismos entrem no domínio dos cálculos explícitos, e faz do poder-saber um agente de transformação da vida humana (...) Não é necessário insistir, também, sobre a proliferação das tecnologias políticas que, a partir de então, vão investir sobre o corpo, a saúde, as maneiras de se alimentar e de morar, as condições de vida, todo o espaço da existência (FOUCAULT, 1980, p. 134-135).

TUDO O ESPAÇO DA EXISTÊNCIA

Bio-política como vírus: campanhas de vacinação, distribuição de preservativos, tomar seis copos de água por dia, urbanização da favela, conjuntos habitacionais do Estado, indústria alimentícia, malhar na academia de ginástica, corpos esticados, plásticos, rebanho-população para um lado e para outro, propagandas de remédios na televisão, merenda escolar, antidepressivos, câmeras de segurança, exames pré-natal, agentes de saúde nas tribos, distribuição gratuita de remédios, controle de natalidade, rebanho-população, vigilância via satélite, complexo vitamínico, concepção assistida, medicamentos psiquiátricos para crianças desatentas ou muito atentas, dedetização, desratização... desumanização: controle celular. “[O] que se poderia chamar de ‘limiar de modernidade biológica’ de uma sociedade se situa no momento em que a espécie entra como algo em jogo em suas próprias estratégias políticas” (FOUCAULT, 1980, p. 134).

Governo: conduzir condutas. Dominar o campo de possíveis ações do outro. Limitar as possibilidades ao previsível, ao previsto, controlar e intervir. “Governar [...] é estruturar o eventual campo de ação dos outros” (FOUCAULT, 1995, p. 244), é controlar as possibilidades, determinar os modos possíveis, modular os

fluxos. Não é proibição sumária, não é causar a morte, “ele [o poder] incita, induz, desvia, facilita ou torna mais difícil, amplia ou limita, torna mais ou menos provável” (FOUCAULT, 1995, p. 243), ou seja, controla. É o governo que determina as coreografias de nossos corpos, a sintaxe de nossos pensamentos, as correntezas de nossos sentimentos, governa mentalidade, governa mente. Mente. Sujeitamento.

Poder individualizante e totalizante ao mesmo tempo.

“Acho que nunca, na história das sociedades humanas – mesmo na antiga sociedade chinesa –, houve, no interior das mesmas estruturas políticas, uma combinação tão astuciosa das técnicas de individuação e dos procedimentos de totalização” (FOUCAULT, 1995, p. 236).

Cada corpo importa, sujeitado às intervenções estatais, abstrações/generalizações que estão pouco se importando realmente com o que cada um deseja ser, violência econômica, política, ideológica, que sujeita as decisões científicas e administrativas determinantes. Poder pastoral da Igreja, cada ovelha e todo o rebanho, não mais restrito ao pastor, mas elevado ao Estado.

É Maurizio Lazzarato (2006) quem nos faz atentar para o fato de que não é apenas o corpo que está reduzido ao organismo pela disciplina e a população que está regulada pela biopolítica, ambas tecnologias espaciais, mas o tempo, o tempo da existência que é capturado. Há a necessidade de acrescentar a dimensão temporal aos processos biológicos da espécie. Todo o espaço da existência: espaço de tempo, inclusive, mas não apenas tempo cronológico, mas tempo de existência, tempo de virtual, o tempo dos possíveis ainda não criados e atualizados, o tempo da imprevisibilidade, das criações, da potência de transformações, do devir. E este acréscimo nos leva a pensar como objeto da biopolítica não apenas a “população”, mas também o “público”. Conceito este fundamental para pensarmos as sociedades de controle, o controle é feito por modulação, em espaço aberto, modulação das intensidades do público, seus desejos, crenças, memória. E a noção de público está diretamente ligada ao tempo, mais que ao espaço. Lazzarato retoma o sociólogo Gabriel Tarde para usar a noção de público para diferenciar as técnicas de poder do controle em relação às da disciplina, uma vez que este diz que no final do século XIX entrávamos na era dos públicos.

[O] grupo social não se constituía mais nem por aglomerações, nem pela classe, nem pela população, mas pelo público (ou melhor, pelos públicos). Por público ele entende o público dos meios de comunicação, o público de um jornal: ‘O público é uma massa dispersa em que a influência das mentes, umas sobre as outras, se torna uma ação à distância’ (Gabriel

Tarde, *L'Opinion et la foule*, Paris, PUF, 1989) [...] A subordinação do espaço ao tempo define um bloco espaço-temporal encarnado, segundo Tarde, nas tecnologias da velocidade, da transmissão, do contágio e da propagação à distância [...] as técnicas de controle e de constituição dos públicos colocam em primeiro plano o tempo e suas virtualidades (LAZZARATO, 2006, p. 75).

Velocidade, transmissão, contágio, propagação: vírus. Tecnologias da comunicação: cooperação entre os cérebros, à distância. A enunciação coletiva de possíveis mundos reduz-se à comunicação de um mundo único, reproduzido ao menos infinito pela opinião pública: enquetes, julgamentos únicos, assuntos únicos, TV, internet, vírus, uma única percepção coletiva, moda, onda, rebanho, todo o espaço-tempo da existência. Formadores de opinião. Controle remoto. Controle, remoto. Memórias, crenças desejos, vida: modulados, governados.

O corpo organizado pela disciplina, a vida celular da população regulada pela biopolítica, o público modulado em seus possíveis. Três dimensões da vida capturadas. Mas, sempre escapa alguma coisa...

Governamentalidade educacional: teorias da aprendizagem, didáticas, currículos, técnicas administrativas, disciplina dos corpos, das mentes, sentimentos, crenças, disciplinas, grades, *triiiiim*, sinal, sentar, levantar, falar, calar, cada coisa em seu lugar, mesas e cadeiras, salas e pátios, hora de rir, hora de comer, hora de sentir, hora de sentar, avaliações, grades, seleções, objetivos e metas, métodos, planejamento da vida, vida morta, prever, capturar, conduzir, administrar o campo de possíveis, anular o fora, rechaçar o novo, *péééé*, sinal, mover-se, imobilizar-se, população infantil, marche!, representações, medir, encaixar, prever, orientar, coordenar, aplicar, direcionar: todo o espaço da existência. Domínio totalizante e de cada ovelha na escola: formação. Formação controlada: sujeitamento. Individuação assistida, modulada: escola. Inocular com o vírus da obediência, da covardia, da descrença na possibilidade de criação. Formar para trilhar os caminhos percorridos, para sonhar os sonhos sonhados, os pensamentos pensados, as ideias tidas: segurança. Reprodução. Escola: formação de matriz. Reprodução.

Governamentalidade educacional. Estando os corpos docilizados, disciplinados, organizados, cada um em seu lugar, tempo e espaço, trata-se de controlar os fluxos, para além das instituições. Como conduzir?, perguntou-se Foucault. Como conduzir-se a si, como conduzir os espíritos, como conduzir os filhos, como conduzir a família, como conduzir o espaço público? Segundo o filósofo, a partir do século XVI entramos da era das condutas, na era dos governos, era permeada pela pergunta fundamental: como conduzir as crianças?

E vocês compreendem por que há um problema que, nessa época, adquiriu uma intensidade ainda maior que os outros, provavelmente porque estava exatamente no ponto de cruzamento dessas diferentes formas de condução: condução de si e da família, condução religiosa, condução pública aos cuidados ou sob o controle do governo. É o problema da instituição das crianças. O problema pedagógico: como conduzir as crianças, como conduzi-las até o ponto em que sejam úteis à cidade, conduzi-las até o ponto em que poderão construir sua salvação, conduzi-las até o ponto em que saberão se conduzir por conta própria – é esse problema que foi possivelmente sobrecarregado e sobredeterminado por toda essa explosão do problema das condutas no século XVI. A utopia fundamental, o cristal, o prisma através do qual os problemas de condução são percebidos é o da instituição das crianças (FOUCAULT, 2008, p. 309-310).

Escola instituição das crianças. Escola-condução. Escola-controle. Conduzir as crianças. Em outra aula do mesmo curso acima citado, Foucault (2008, p. 432 e ss.) debruça-se sobre a polícia, compreendida como o controle das atividades dos seres humanos, na medida em que estejam relacionadas com as forças do Estado. Isto é, controle as atividades individuais no contexto público. Escola: polícia das crianças. Polícia do material, polícia do virtual. Enquanto confinada à instituição, é fácil fugir da escola: basta pular o muro. Mas, e quando a escola sai dos muros, quando os pais controlam os filhos pelos telefones móveis, por exemplo, como escapar? Que muros pular? Escola-informação. Escola-palavras-de-ordem. Polícia do pensamento. Que muros pular?

Deleuze afirmou, como já citamos, que nem mesmo a escola adotará mais o sistema de enclausuramento. Por que enclausurar, se os fluxos são todos passíveis de controle? Por que enclausurar, se o pensamento é passível de controle, pelo sistema de informação, pelas palavras de ordem? Escola-vírus que se dissemina, nas ideias e nos corpos. Escola fora da escola. Escola sem muros. Escola para a vida toda. A avaliação contínua, o controle contínuo, a formação para a vida toda. “Muitos jovens pedem estranhamente para serem ‘motivados’, e solicitam novos estágios e formação permanente; cabe a eles descobrir a que estão sendo levados a servir, assim como seus antecessores descobriram, não sem dor, a finalidade das disciplinas” (DELEUZE, 1992, p. 226). Como *escapar*?

Escapar: criar novas formas de subjetividade, resistência: novas formas de aprender e ensinar, novas maneiras de escolar. Resgatar o fora, o imprevisível, o imponderável. Fazer vazar os fluxos, fazer vazar os mecanismos de controle. Ainda que hajam sempre recapturas, as fugas são necessárias.

Sempre vaza ou foge alguma coisa, que escapa às organizações binárias, ao aparelho de ressonância, à máquina de sobrecodificação: aquilo que se atribui a uma 'evolução dos costumes', os jovens, as mulheres, os loucos, etc.”(DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 94).

As mulheres, os loucos, os jovens. Os jovens. As crianças? Talvez. Os jovens como minoria que escapa da centralização e da totalização, que cria linhas de fuga, que contraria a grande organização da escola. Que atos educacionais poderiam permitir que se configurassem assim os jovens, como uma minoria? Como fomentar a irredutibilidade? Ensino máquina de guerra. Sabemos que as chaves de análise do capitalismo que Deleuze e Guattari usam, em *Mil Platôs*, são as linhas de fuga e menos as contradições que definem as sociedades, as minorias em lugar das classes sociais e as “máquinas de guerra” (que não, absolutamente, se definem pela guerra) como nova forma de ocupar o espaço-tempo e de inventar novos espaços-tempo. São assim os movimentos revolucionários e os movimentos artísticos, são movimentos de resistência pela criação. Jovens como minoria, ensino máquina de guerra: criar linhas de fuga, resistir.

Para Deleuze (2003), a resistência é aquilo que sai do jogo da informação. A resistência não é a contra-informação, na medida em que essa segue sendo palavra de ordem. Resistir é sair da enunciação da palavra de ordem. É criar outros possíveis, ainda não capturados. Resistir é criar, ainda que falte o povo para usufruir desta criação.

Resistir. Foucault nos ensina que para todo poder, intrínseco a ele há formas de resistência. “[...] não há relação de poder sem resistência, sem escapatória ou fuga, sem inversão eventual”. (FOUCAULT, 1995, p. 248). Definir o exercício do poder como governo dos homens uns sobre os outros, isto é, como um tipo de ação sobre as ações dos outros, ação de limitar e modular as possíveis ações dos outros, nos leva, necessariamente, a supor que haja essa liberdade de ação, que exista esse campo de possíveis. Em uma situação de dominação não há relação de poder, pois não há liberdade. Assim Foucault nos mostra como a liberdade é precondição e condição permanente das relações de poder entendidas como governo, como ação de uns sobre o campo de ações de outros. Não há um antagonismo, mas um agonismo entre poder e liberdade, não se trata de uma oposição termo a termo em busca de anulação mútua, mas de uma “provocação permanente” (p. 245). Assim sendo, considerando que não haja sociedade sem relações de poder, o agonismo entre poder e liberdade é uma tarefa incessante, uma tarefa política inerente à existência social, à existência de qualquer um na sociedade, o que vale dizer: a luta pela liberdade, a luta pelo desgoverno, a resistência ao aprisionamento das possibilidades de ação pertence ao homem comum, é sua tarefa política.

Insistir em existir, existir enquanto múltiplas possibilidades, existir enquanto sobreposição de sis (si e si e si e...), sempre renovados eus, palimpsestos, movimentos constantes de reinvenção, dervixes dançantes, devires, insistir em existir de novo e de novo: re-existir.

Re-existir: criação de novas formas de subjetividade. Recusar as formas de subjetivação que o Estado nos impõe. Recusar a ovelha e o rebanho, a “combinação tão astuciosa das técnicas de individuação e dos procedimentos de totalização” (FOUCAULT, 1995, p. 236) às quais o Estado-Pastor moderno quer nos sujeitar. Escapar. Insistir em existir, imprevisíveis.

Talvez, o mais evidente dos problemas filosóficos seja a questão do tempo presente e daquilo que somos nesse exato momento. Talvez, o objetivo hoje em dia não seja descobrir o que somos, mas recusar o que somos [...] Temos que promover novas formas de subjetividade através da recusa desse tipo de individualidade que nos foi imposto há vários séculos (FOUCAULT, 1995, p. 239).

* * *

Perguntamos: como re-existir na escola?

1- Talvez, minimamente, seja necessário, contra a dominação, garantir a liberdade para que possa haver o jogo de poder, a luta pela liberdade do campo de possíveis de cada um. Campo de possíveis aprendizagens, possíveis experimentações, possíveis criações de si mesmo, possíveis mundos. Liberdade mínima, que seja, para que possa haver resistência. Mínimo cacife para o jogo de poder. Se todo o espaço-tempo estiver ocupado por planejamentos, diretrizes, grades curriculares, métodos, disciplinas, ensinamentos, avaliações, reproduções, critérios preestabelecidos, explicações, literatura especializada, comunicações, saberes, assessorias experimentadas, cronogramas, metas, instrumentos, seleções etc., se todo jovem estiver exclusivamente sujeitado a isso, apartado do fora, do imprevisível, impossibilitado de desgoverno, não há liberdade possível: “tá dominado, tá tudo dominado!”, como nos versos de uma canção que fez sucesso anos atrás.

2- “[R]ecusar o que somos” dentro da escola. Parafraseando Foucault, talvez, o mais evidente dos problemas educacionais (e filosóficos!) seja a questão do tempo presente e daquilo que somos, enquanto educadores, nesse exato momento. Talvez seja nosso papel “promover novas formas de subjetividade”. Como? Ensino-acontecimento, é uma hipótese. Acontecimento: enunciação e efetuação de

possíveis, criação. Como despedagogizar os movimentos de aprender? Ensinar como *potlatch*. Ensinar doando o que se tem, seus “saberes”, seus não-saberes, seus problemas, suas dúvidas, seus achados, suas teorias, suas indignações, suas alegrias com os conhecimentos, com os conheceres, suas aspirações etc., principalmente o etc., que é o imprevisível. Ensinar como jogar sementes ao vento, aspergir acontecimentos, despertando os sentidos nos jovens, permitindo-lhes experiências. Ensinar como lançar garrafas ao mar com mensagens dentro. Mensagens que não são palavras de ordem, porque não sabemos a quem se destinam, se destinam-se a alguém. Mensagens que não comunicam, pois que podem provocar criação, se encontradas. Afetar e ser afetado, movimento turbilhonar, potência de transformação. Não saber o que esperar. Nada esperar. Não esperar. Novas formas de aprender e ensinar, novas formas de escolar.

3- Movimentos microscópicos de fissuras escapantes. Não revolucionar a escola com machadadas. Não revolucionar de fora, contra, negando. Abaixo do nível do solo há tocas, tocas multiconectadas, múltiplas entradas e saídas, que não param de se multiplicar, “n” possíveis. Molecularmente acionar a irredutibilidade, insistir em existir a cada pequeno vácuo de comunicação, a cada parada para o silêncio, vácuo na transmissão do conhecimento e no construtivismo planejado. Os verdadeiros nômades não saem do lugar. Não reproduzir, não tagalera, não pressupor.

No romance de Stephenson, a disseminação da deusa Asherah só era tão devastadora porque unia a ideia viral ao vírus biológico. Mas havia uma forma de combatê-lo, a única maneira de fazer com que não estivesse tudo dominado: a multiplicidade.

Está fisicamente infectado com uma variedade do vírus Asherah torna você muito mais suscetível [às ideias virais]. A única coisa que impede que essas coisas tomem o mundo inteiro é o fator Babel: as muralhas de incompreensão mútua que compartimentalizam a raça humana e detêm a disseminação do vírus [...] Monoculturas, como uma plantação de milho, são suscetíveis a infecções, mas culturas geneticamente diversas, como uma pradaria, são extremamente robustas (STEPHENSON, 2008, p. 369).

Se o vírus se propaga na comunicação, se o vírus é a informação como palavra de ordem, que “entra pelos sete buracos da minha cabeça”, para lembrar uma antiga canção de Caetano Veloso, a maneira de barrar a propagação é a incompreensão. Múltiplas línguas contra a língua única. Babel contra Urstaat. Múltiplo contra uno.

Monocultura. Monocultura *versus* pradaria, as estepes, o deserto, espaço nômade, espaço liso, em movimento, que escapa. Em *Mil Platôs - capitalismo e esquizofrenia*, Deleuze e Guattari desenvolvem seus conceitos baseados na lógica

de disjunção inclusiva, lógica da co-implicação. Nesta lógica, a coexistência de duas coisas contrárias é aceita. Elas não são consideradas excludentes porque a oposição não se dá termo a termo, não há contradição que leve à exclusão. Anti-dialética, considera o mundo como uma multiplicidade em movimento. O espaço liso opõe-se ao espaço estriado, este, espaço do aparelho do Estado em constante transversão, mistura, metamorfose, com o outro, liso, nômade, da máquina de guerra. Há um constante movimento de um tornar-se outro, chegando ao limite: provar sua irreducibilidade e escapar. Contravírus: desvio, pequeno movimento, que seja, de devir. Devir outro e outro, sem cessar, devir, devir, devir-monstro, criar os possíveis, multiplicidade de possíveis, ocupar o espaço turbilhonarmente, revolvendo o uno, em espiral, sem linearidade progressiva de pares de opostos. Em bandos, como vírus, também como vírus: contravírus.

Como o espaço [liso] escapa aos limites de seu estriamento. Num pólo escapa pela declinação, isto é, pelo menor desvio infinitamente pequeno entre a vertical de gravidade e o arco de círculo ao qual essa vertical é tangente. No outro pólo, escapa pela espiral ou pelo turbilhão, isto é, uma figura em que todos os pontos do espaço são ocupados simultaneamente, sob leis de frequência ou acumulação, de distribuição [...] O espaço liso é constituído pelo ângulo mínimo, que desvia da vertical, e pelo turbilhão, que extravasa a estriagem (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 198-199).

Contra vírus à governamentalidade na escola: multiplicidade. Amar, desejar, promover a multiplicidade na escola. Fazer proliferar. Rizomar. Como grama, crescer pelo meio, ocupar os espaços com o múltiplo, conjurando o uno. Abrir vácuos, fomentar, não temer a multiplicidade na escola. Não temer o imprevisível, apaixonar-se por ele, estar constantemente em um “não sei onde”, seguramente. Não temer o imprevisível assim como não tememos quando engravidamos, não tememos o suficiente e arriscamos, apostamos na vida, apostamos que vamos conseguir fazer alguma coisa com o que vier. Paulo Leminski (1985): a vida varia, o que valia menos, passa valer mais, quando desvaria.

REFERÊNCIAS

- DELEUZE, Gilles. Post-Scriptum sobre as sociedades de Controle. In: _____. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. p. 219-226.
- DELEUZE, Gilles. Qu'est-ce que l'acte de création? In: _____. **Deux régimes de fous : textes et entretiens (1975-1995)**. Édition préparé par David Lapoujade. Paris: Minuit, 2003. p. 291-302.
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução Aurélio G. Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia C. Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 1996. v. 3
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 1997, 2002. v. 5
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1980.
- FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H.; RABINOV, P. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231 - 249.
- FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população: curso dado do Collège de France (1977-1978)**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- LAZZARATO, Maurizio. **As revoluções do capitalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- LEMINSKI, Paulo. **Caprichos & relaxos**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- STEPHENSON, Neal. **Nevasca**. São Paulo: Aleph, 2008.